

# HENRIQUE POUSÃO



Pousão, Henrique  
C

*hifen*  
COLEÇÃO DE ARTE PORTUGUESA



15.VIII.1946

COLECÇÃO HIFEN

C.M.B.  
BIBLIOTECA

# HENRIQUE POUSÃO

1859 – 1884

R.S. 7.6.34



15.VIII.1946

Baralima Perm.

EDITORA LITORAL, LDA. - R. DAS FLORES, 81-2.º - LISBOA

1946

- 1 — *DOMINGOS SEQUEIRA*
- 2 — *VISCONDE DE MENEZES*
- 3 — *CATEDRAL DE ÉVORA — ESCULTURAS*
- 4 — *RAFAEL BORDALO PINHEIRO*
- 5 — *HENRIQUE POUSÃO*

*A sair:*

*GRUPO DO LEÃO*

*MACHADO DE CASTRO*

*FREI CARLOS*

*CARLOS BOTELHO*

*NOGUEIRA DA SILVA*

*FRANCISCO FRANCO*

*VIEIRA PORTUENSE*

*JOSEFA DE ÓBIDOS*

*FRANCISCO SMITH*

*A. DE OLIVEIRA BERNARDES — AZULEJOS*

*COLUMBANO, EDUARDO VIANA, ETC.*

## HENRIQUE POUSÃO

A pintura do século XIX, em Portugal, foi indubitavelmente de particularíssimo brilho na história geral da nossa arte. Excluindo o caso isolado de Nuno Golçalves, pode afirmar-se que a pintura portuguesa *existiu* principalmente no século XVI e no século XIX. A restante intermédia desses áureos períodos, com algumas obras notáveis e alguns nomes gloriosos, não atingiu a expressão definida daquelas nem teve a fortuna de reunir tão importante número de perfeitos artistas, que competissem com os destas épocas. Se Velasquez não tivesse nascido e produzido em Espanha, é certo que ele só, como Nuno Gonçalves no século XV, valorizaria o século XVII da nossa pintura, a deslumbrar quantos outros. Assim, houvemos de fixar o nome de Domingos Vieira, em especial, a par doutros pintores de então, entre os quais uma senhora, Josefa de Óbidos, foi dos mais distintos, como no século imediato os nomes de Vieira Portuense e Domingos Sequeira foram os de mais alto valor e deveras excepcional.

O século XIX, porém, foi de completo renascimento. Artistas insignes de académicos e românticos saberes e sensacionais inspirações, o nobilitaram nos primeiros tempos. Os nomes de Manuel Fonseca, Anunciação, Visconde de Menezes, Metrass, Cristino, Miguel Lupi, José Rodrigues, João Correia e tantos mais, são suficientes testemunhos daquela actividade de rejuvenescimento artístico. No derradeiro quartel do século, os discípulos destes, com Silva Porto, Marques de Oliveira, Ferreira Chaves e António José da Costa na vanguarda, é que mais nitidez e esplendor deram à pintura que na história caracterizará a expressão do século. Geralmente em finais de épocas é que se cadinham e apuram as virtudes do bloco.

Citando alguns artistas de então, como Alfredo Keil, Malhoa, Sousa Pinto, António Ramalho, Artur Loureiro, João Vaz, Veloso Salgado, Aurélia de Sousa, Júlio Ramos, Carlos Reis, Cândido da Cunha, etc., há que colocar como casos superiores de mór personalidade, os de Columbano e Pousão. Deste último estas páginas se vão ocupar, como caso de precocidade e original interpretação de um naturalismo colhido com virtuosismos técnicos e festivas emoções.

Henrique César de Araujo Pousão nasceu em Vila Viçosa, em 1 de Janeiro de 1859, quando o Romantismo em Arte terminava as tarefas da sua missão; e faleceu na mesma vila, em 20 de Março de 1884, em plena mocidade, vítima de uma tuberculose que não empalideceu a luz da sua visão nem ensombrou

a da sua obra, a de mais equilíbrio luminoso na pintura portuguesa daquela época, festiva e viçosa como se fosse concebida por alma feminina em gostoso noivado. Desde o momento da revelação da sua precocidade na pintura até às últimas pinceladas que deu num quadrozito com flores dentro de um copo, a simplicidade pura nas transfigurações, a alegria dos temas escolhidos e a lealdade da sua interpretação transmitida às telas, são de uma singeleza tal de comoção e de gosto, que na Arte portuguesa se destaca como caso à parte, independente.

Filho do Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão e de D. Maria Teresa Alves de Araujo, ficou em sua terra natal apenas até os quatro anos, seguindo com a família para Elvas, onde tomou os primeiros conhecimentos da arte numa escola de desenho e perante o pitoresco da região tão rica de luz, de vastidão nostálgica e de matizados na paisagem. A sua grande intuição, que despertou nestas terras arabizadas de casarios brancos e gente trigueira, havia mais tarde de se desenvolver nas terras banhadas pelo Mediterrâneo, em paisagens urbanas de grande parentesco com aquelas. Em 1872, na companhia de seu pai que era delegado do Procurador Régio, partiu para Barcelos, descobrindo novos encantos da Natureza, em exuberâncias de um vegetalismo poético e inspirador. A nota bucólica da sua obra colheu-a desde então naquela paragem minhota, assim como em Guimarães, onde também estagiou. Com 13 anos de idade, porque a

sua vocação fora decidida para as artes, seu pai levava-o ao Porto, instalara-o numa casa amiga e matriculara-o na Academia Portuense de Belas Artes. Aí teve como professor de desenho o minucioso Tadeu de Almeida Furtado, e como guia na especialidade da pintura o probo e sensível João António Correia. Mas em estudos extra-escolares tomou simultâneamente lições com o delicado pintor de flores, António José da Costa, que lhe sugeriu certamente o quadro *Cesto de Camélias*; mais tarde procurou os conselhos de Soares dos Reis e de Marques de Oliveira, quando estes organizavam as aulas do Centro Artístico Portuense, publicando desenhos nas revistas de então.

Na Academia, onde fora aluno laureado, estudou desenho histórico, arquitectura civil, escultura, anatomia e perspectiva linear, de modo que com esta preparação de cursos se habilitou tècnicamente para a grande parada dos seus sonhos, iniciada com a *Daphnis e Chloé*, prova final do 5.º ano.

Numa das várias férias passadas em casas de parentes, no Algarve, em 1878, pintou um tipo de *Pescador de Olhão*, que pertence ao Ateneu do Porto; e logo no ano imediato, quando terminava o curso da Academia, pintou o conhecido *Auto-retrato*, do Museu do Porto, que se presume ser auxiliado por fotografia feita neste ano. Datam de então entre outros quadros seus, os que representam *Inundações de Miragaia* e *Casa rústica em Campanhã*. Com o curso completo, Pousão teve de mudar-se para longe, indo para Odemira onde seu pai foi

colocado como juiz de Direito, e aí pintou, nesse ano de 1879, um dos seus mais elogiados quadros: *A Passagem da Barca*. A pinturazinha com um *Mendigo de Odemira*, foi obra do ano seguinte.

Pousão nunca mais deixou a sua paleta em descanso, pintando muitas taboazinhas que se dispersaram nas mãos dos seus parentes e amigos. Em 1880 abriu-se concurso público, na Escola do Porto, para pensionistas de pintura no estrangeiro. Logo Pousão acorre a ele, tendo como rival o pintor António Ramalho. As provas que houveram de apresentar eram um estudo de animal e uma paisagem. Tocou-lhes na primeira prova uma *Cabeça de Jumento* e na segunda, um trecho das *Obras na Avenida Duque de Loulé*, trabalhos estes que foram aprovados em mérito absoluto. O Juri escolar teve certa dificuldade em resolver o concurso. Por fim, Henrique Pousão foi o preferido em mérito relativo, e os seus quadros ficaram na Academia do Porto; os de Ramalho foram depois expostos em Lisboa, numa exposição deste artista e de Columbano, ambos vencidos em concursos para pensionatos do Estado.

Pousão demora ainda algum tempo no Porto, e num dia frio de Inverno, segue para Paris por via Madrid onde demora uns dias, ainda que por mais não fosse, ao menos para calcurriar as galerias do Prado.

Chegado a Paris, na sua avidez de estudo e de trabalho, dirige-se logo à Escola da Rua Bonaparte e escolhe mestre para o guiar. Cabanel fora o prefe-

rido. Vai a concursos e ganha prémios. Envia provas de desenho à Escola do Porto, que ainda lá se conservam, e com eles vieram informações do seu excelente aproveitamento escolar. Poucas telas enviara porque pouco tempo demorou naquela Escola. Uma *Cabeça de Velho*, porém, atesta os progressos que fizera. Certo dia de neve, exaltado com a majestade do panorama parisiense, corre para a rua ou para o campo com uma caixa de tintas a tiracolo, e pinta. Pinta e apanha um resfriamento fortíssimo, tendo de abandonar os estudos e partir para Bourboule-les-Bains. Volta a Paris, pára em Clermont, mas não melhora da mazela. Segue para a Bretanha e logo que se julga capaz de recommear a tarefa, pinta alguns quadros que hoje pertencem ao Museu do Porto: *Uma Velha a dobar*, uma *Aldeia* e uma *Paisagem*. Depois volta a Paris, mas o mal persegue-o. Resolve então, a conselho dos médicos, partir para Roma ou para o Sul de Itália, onde era costume procurar-se refúgio para moléstias de peito. Ao todo não estivera em França mais de um ano. Dessa estadia data uma cópia de uma *Tempestade*, obra expressiva de Vernier, que estava no Museu do Luxemburgo.

Em Roma nova febre de actividades o domina; faz-se sócio do Círculo dos Artistas e até as noites aproveita para pintar, sobretudo aguarelas. De dia não descansa. Data de 1882 a sua formosíssima *Cecília*, tipo de morena encantadora, vestida a capricho e orando junto ao pilar da igreja de Santo António dos Portugueses. Com este quadro concorre

ao *Salon* de Paris, a par de Columbano que também se estreava com a *Soirée chez-lui*. E pinta a seguir a tela intitulada *Esperando o Sucesso*. Tal como em França, sempre acompanhado da sua caixa pequena de tintas, toma apontamentos de cor e de luz, ora de arvoredos ora de recantos pitorescos ou vistas do Tibre. Antes do fim do ano, porém, abandona Roma e vai para Nápoles, onde embebe a paleta na luz viva da beira-mar e pinta inúmeras taboazinhas do seu típico aspecto. Mas em seu coração a imagem do Alentejo e a do Algarve sobrevivem, porque em Arte a evocação domina, e ao pintar Nápoles recorda sempre aquelas terras.

Capri atraira-o. Atravessa a baía, e instala-se em Anacapri. A ilha, com o seu calor e o seu ar sempre adoçado pela briza, pareceu-lhe bastante benéfica para a sua saúde tão abalada. Outros éticos dali tinham saído curados. Sem deixar de pintar, passeava por toda a ilha, descia ao cais, subia aos cocurutos e respirava. Nas tábuas de meio palmo arquivava tudo quanto o comovia: umas escadas, uma portaria, um arco, um simples pormenor de ruela, onde às vezes passava uma garota, ou os canteiros de um muro que cantavam ao sol.

Chamava então modelos da rua, de preferência raparigas, e pintava-os nas atitudes que eles queriam, o mais naturalmente que lhes apetecia: encostados às paredes, como já pintara a *Cansada* e a *Napolitana*, deitadas em troncos de árvores, transportando enfusas, lidando, brincando e rindo. Cada quadro seu era uma conquista técnica e de alegria

cromática. A tez bronzeada dos modelos, modelada com volúpias de pincel, destacava-se nos trajos regionais de cores vivas. Os olhos do artista embelezavam os dos modelitos; e então escalpelava o desenho, arredondava as formas, manchava os panejamentos com largueza, procurava efeitos de espaços aéreos nos fundos dos quadros, iluminava as sombras, verificava a luz... A cal do casario, os verdes dos cactus e das piteiras, o azul prússico do mar e o opalino dos céus, tomavam luminosidades que davam riqueza às telas de grande cenário. Preciosas, por contraste, eram as cores queimadas e os tons complementares onde a luz se intrometia, emprestando coloridos imprevistos nos objectos, conseguindo quase violências de certos pormenores, que mais carácter davam aos motivos eleitos, provocando qualidades de esmalte nas claridades das tábuas, frescuras de porcelana que, segundo gostos em voga, eram marcadas com delicadezas de japonesismos. E quão diferente passou a ser esta obra da que realizara na Bretanha!

O catálogo da sua obra total anda à roda de uma centena de pinturas, que por assim dizer foram executadas em cinco anos de aventuras por terras várias, quase sem repouso e nos intervalos das crises da doença do Artista.

Em 1883 volta a Roma e, no convívio com o pintor Pradilla, visita ateliers e galerias onde faz uma cópia de Mancini. É então que conhece a obra de Morelli, o velho amigo de Francisco de Andrade, e recebe algumas influências dos seus *processos*, da sua

estética. O anedótico quadro *Esperando o Sucesso*, assim como a formosíssima *Napolitana* com o pãndei-ro na mão, obras distintas de perfeição e de vida, sendo anteriores, tiveram contudo reminiscências da pintura italiana em voga. Voltando a Capri e sentindo-se mais gravemente atacado nos pulmões, por conselho de amigos que lhe receitam “ares pátrios”, recolhe a Portugal. Ao parar umas horas em Barcelona, anota ainda numa minuciosa pintura do tamanho de um postal, uma impressão do cais. Mas doutros lugares colhe impressões, recordações de uma má viagem. Por fim, chega a Olhão onde seu pai o espera.

O Outono fora-lhe inclemente para a saúde. As viagens com mudanças de climas, ajudaram a sua ruína. A colecção daquelas pinturas é um documentário daquele roteiro de peregrino doente. Há notas de França — da Bretanha, de Paris e de Marselha; de Itália — de Roma, de Genova, de Nápoles e dos lugares vizinhos; de Espanha — Barcelona, Valência, Sevilha, Huelva e Ayamonte, e de Portugal, desde o Minho a Vila Real de Santo António.

Pouco tempo demora no Algarve. Os médicos mandam-no procurar clima mais seco, e ele regressa a Vila Viçosa, onde, em Março de 1884, uma hemoptise o fulmina, quando pintava umas rosas. Pouco antes, apegado aos hábitos de colher impressões do sol, ensaiara anotar um recanto do jardim do Paço Ducal, e pintara uma vista do quintal da própria casa que habitava.

Quase toda esta obra — farrapinhos de ouro, de génio e de luz — está hoje guardada e exposta com carinho, no Museu do Porto, vinda da Academia de Belas Artes onde estudara. Nesta conservam-se alguns desenhos perfeitíssimos e motivos decorativos, dentro de uma pasta que os defende. Uma colecção de aguarelas levara sumiço. Dispersou-se por colecções particulares. O Museu de Coimbra possui três óleos admiráveis; o de Lisboa expõe em sítio de honra uma das suas mais belas aguarelas; em Vila Viçosa e no Algarve existem algumas relíquias do seu começo de estudos e outras boas provas da sua arte. Não é grande o inventário, mas é excepcional em qualidade.

Pousão, nestes documentos de permanente recolha de apontamentos para quadros que não chegou a realizar — alguns deixou inacabados — numa actividade estupenda que, como num delírio de trabalho, de criação, por certo ajudou a prostrá-lo tão cedo, ultrapassou os limites comuns das possibilidades do tempo, e não ficou em promessas: firmou uma personalidade, multiplicou-se em progressos muito pessoais, assegurou uma perfeição, que em bloco se nos apresenta completa, definitiva.

Pousão foi um clarão revolucionário na Pintura portuguesa. Antes dele, nem Silva Porto, que foi mestre e revolucionário também, deixou de si provas de génio tão simples e tão independente, sem ligação com qualquer escola.

DIOGO DE MACEDO

NOTE BIOGRAPHIQUE — Dans ce 19<sup>ème</sup> Siècle, qui fût un des âges d'or de la peinture portugaise, deux nomes ressortent principalement, Columbano et Henrique Pousão. Il semble que ces deux artistes aient porté à leur achèvement les recherches de Romantisme et à la fois de Naturalisme qui tourmentèrent ce siècle.

Henrique Cesar de Araujo Pousão naquit à Vila Viçosa le 1<sup>er</sup> janvier 1859, et y mourut le 20 mars 1884, à peine âgé de 25 ans. Encore cette courte vie fût-elle minée par la tuberculose. Et cependant, ce peintre a laissé une oeuvre des plus importantes, non seulement par la quantité de tableaux et de dessins (actuellement répartis entre les musées portugais, l'Académie des Beaux Arts de Porto et des collections particulières), mais par l'espèce de joie et de lumière qui lui donnent une originalité intense. Jamais vie ne sembla aussi marquée par une vocation impérieuse : des différentes villes où il suivit tout enfant son père — Elvas, Barcelos, Guimarães — il garda toujours en lui les images lumineuses, vers lesquelles toute sa vie il se tournera avec nostalgie. A 13 ans, son père l'inscrit à l'Académie des Beaux-Arts de Porto. Il écoute les enseignements de Tadeu de Almeida Furtado, de João António Correia, de A. José da Costa, de Soares dos Reis et de Marques de Oliveira, et commence à publier des dessins dans la revue «Ocidente». Sa première oeuvre, examen final de sa 5<sup>ème</sup> année à l'Académie, est «Daphnis et Chloé». A partir de 1878 — il n'a pas 20 ans — commence, avec ses voyages, la série brillante de ses oeuvres : un «pêcheur d'Olhão», qu'il peint à la suite d'un voyage en Algarve, son portrait par lui même etc. etc. Lauréat à un concurs de l'École de Porto en 1880, il part l'hiver suivant pour Paris, ne s'arrêtant à Madrid que le temps de visiter le Prado. Il suit, Rue Bonaparte, les Cours de Cabanel et obtient plusieurs prix. De Porto où il

envoi de ses travaux, on suit ses progrès. Il parcourt la France, pour des raisons de santé (la Bourboule), mais aussi par passion de découvrir des formes et des couleurs nouvelles (Bretagne) : le musée de Porto possède, de cette période, une « Vieille filant », un paysage etc.

Après un an de France, sa santé l'oblige à partir pour l'Italie, mais à Rome sa fièvre de création est plus ardente que jamais. C'est en 1882 qu'il peint son extraordinaire « Cecilia », brune enchanteresse priant contre un pilier de S. Antonio, qu'il présente au Salon de Paris. À la conquête de toujours plus de lumière, il part pour Naples puis pour Anacapri, où il s'installe : d'innombrables petites toiles de cette période évoquent les détails pittoresques saisis en pleine vie : Quais du port, Coin de Rue, où d'escalier, Jeunes Filles dans leur attitude la plus naturelle, telles ces Napolitaines avec leur tambourin. À mesure qu'il travaille, ses couleurs chantent davantage, mais on sent qu'il y met, outre la joie de la Méditerranée, plus encore peut-être le Portugal de son enfance, vers lequel vont ses rêves : on sent ce désir passionné d'apaiser sa nostalgie de l'inaccessible bonheur dans sa façon de renforcer les couleurs et de rendre plus éclatante la lumière. En même temps, ce procédé d'éclairage intense permet à l'artiste, dont le métier est maintenant parfait, de travailler les détails avec une délicatesse qui rappelle l'art japonais. Après ces cinq années d'ardentes et patientes conquêtes, il est arrivé au plein accomplissement de lui-même. Il a exécuté une centaine d'oeuvres. Mais il se sent mourir et, après de courtes escales, à Rome puis à Barcelone, il revient au Portugal, où il meurt en mars 1884. Du moins sa vie fut-elle d'une telle richesse et d'une telle ferveur que le Portugal doit à Henrique Pousão une oeuvre d'une force et d'une originalité rares.

BIOGRAPHICAL NOTES — The XIX Century in the Story of Painting in Portugal is represented by two outstanding names: Columbano and Henrique Pousão. Their artistic personality, influenced by the time in which they lived, displays a particular characteristic where the Romantism of the period is not entirely strange.

Henrique Pousão was born at Vila Viçosa on January 1 st, 1859. His father was Don Francisco Augusto Nunes Pousão and his mother D. Maria Teresa Alves de Araujo.

Son of a man who used to travel around the country owing to his professional duties, Henrique Pousão was still a child when he went to Elvas where he got acquainted with the first steps and misteries of art and where he received the first smile of such a bright region as Alentejo with its sunshine and the boundless space of its landscapes.

Then, going to North the little painter joins, as a student, the Art School of Oporto where he listens to the most renowned teachers of the time, starting his public appearance by publishing some of his drawings in a magazine — the «Ocidente». His first real work, «Daphnis and Chloe», Pousão's final examination work at the Art School, leads him to a differant stage of his artistic career. He is still a youngster when travels anew to South where he begins a series of remarkable paintings and drawings which makes Henrique Pousão to enter more precisely into the art world with all his talent of which the «Fisherman of Olhão» is a document.

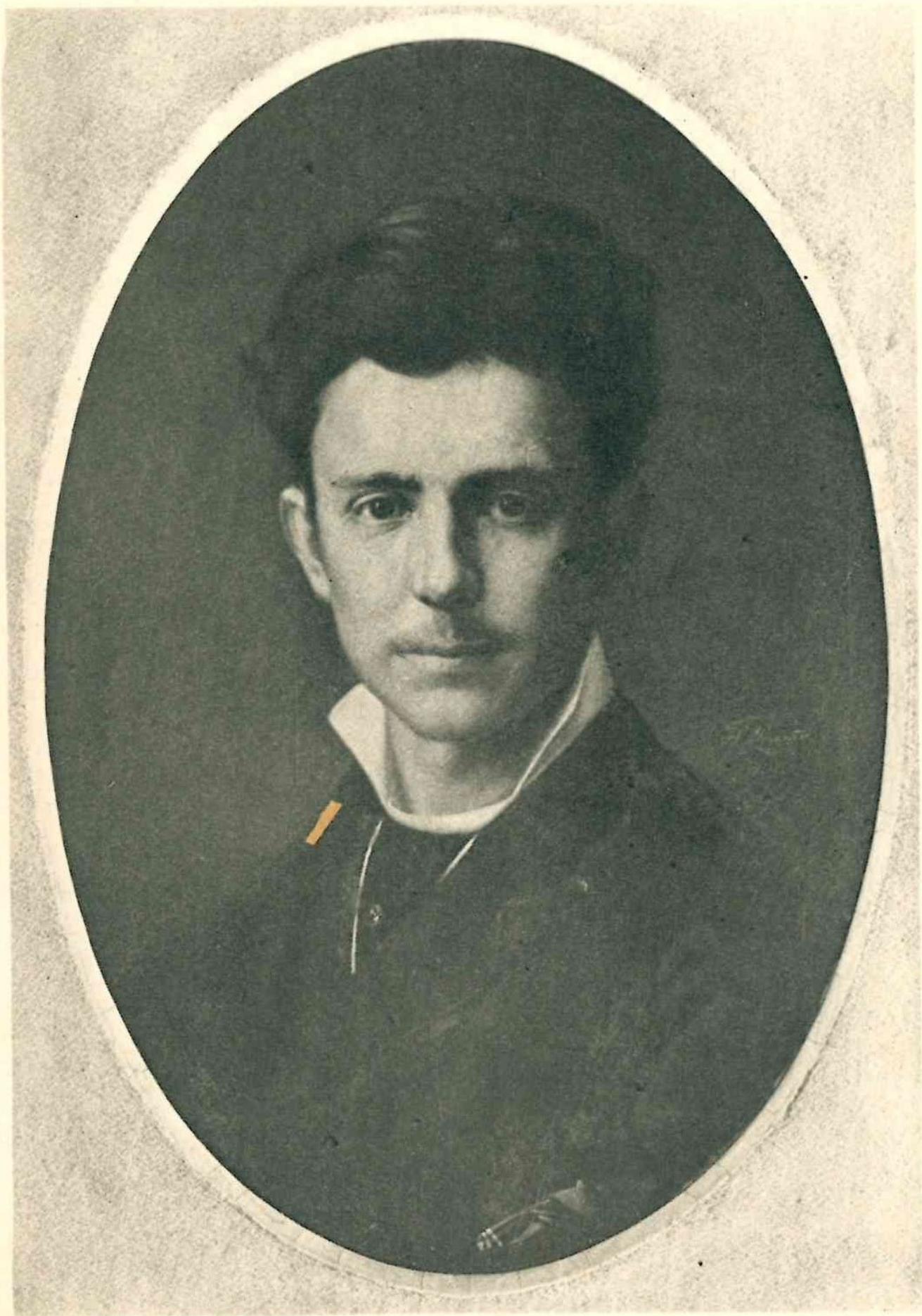
In 1880 the Art School of Oporto confers on him a high honour through an Art contest. Then, with all his eagerness and enthusiasm, he goes to Paris stopping in the meantime in Madrid where he visits the Museum of Prado. In the capital of France, at Rue Bonaparte, he follows Cabanel's lessons receiving various

prizes. In his trips about France, besides looking for a relief for his declining health, he endeavours to meet new forms and colours without forgetting to send to Oporto some of his works; the Museum of the city possesses some of his pictures.

France is followed by Italy where he struggles again for finding another relief for his health. It is in Rome where Henrique Pousão produces one of his best pictures — «Cecilia», a brunette and charming girl praying to Santo António which he sends to the «Salon» in Paris. From Rome he leaves to South where the sunshine of Naples and Anacrapí fails to heal his pains but where he meets a great opportunity for painting many little pictures grasping the picturesque and jolly types of the region and people. In those works we may notice something of his infancy, perhaps, the painter's nostalgia and pleasant dreams of Portugal. Going back to his homecountry he meets his father at Olhão where he does not stay long coming back to Vila Viçosa where he dies of consumption on March 20th, 1884.

To perpetuate the memory of this great painter his works are dearly kept and exhibited at the Museums of Lisboa, Oporto, Coimbra, Algarve, Vila Viçosa, etc.

Henrique Pousão in his pictures deeply impressed his personality: he inspires and assures such a confidence and exactness that, as a whole, his works can be considered complete and definite. Besides the painter's mentioned works, we may add the following: «Basket of Camellias», «His own portrait», «Flood at Miragaia», «Rustic House at Campanhã», «A Beggar at Odemira», «The Passage of the Barge», «Head of an Ass», «Old Woman winding the thread», «Village», «Tempest», «Waiting for the Success» and the «Neapolitan Girl», etc.



**Auto-retrato de Pousão — óleo**  
**Museu Nacional Soares dos Reis**

C. M. B.  
BIBLIOTECA



Uma aldeia da Bretanha – óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



Cecília — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



*Esperando o sucesso — óleo  
Museu Nacional Soares dos Reis*

**C. M. B.**  
**BIBLIOTECA**



Rapaz napolitano — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTHECA



Uma rua de Capri — óleo.  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



Um beco de Capri — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

**C. M. B.**  
**BIBLIOTECA**



Uma ruela de Capri — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



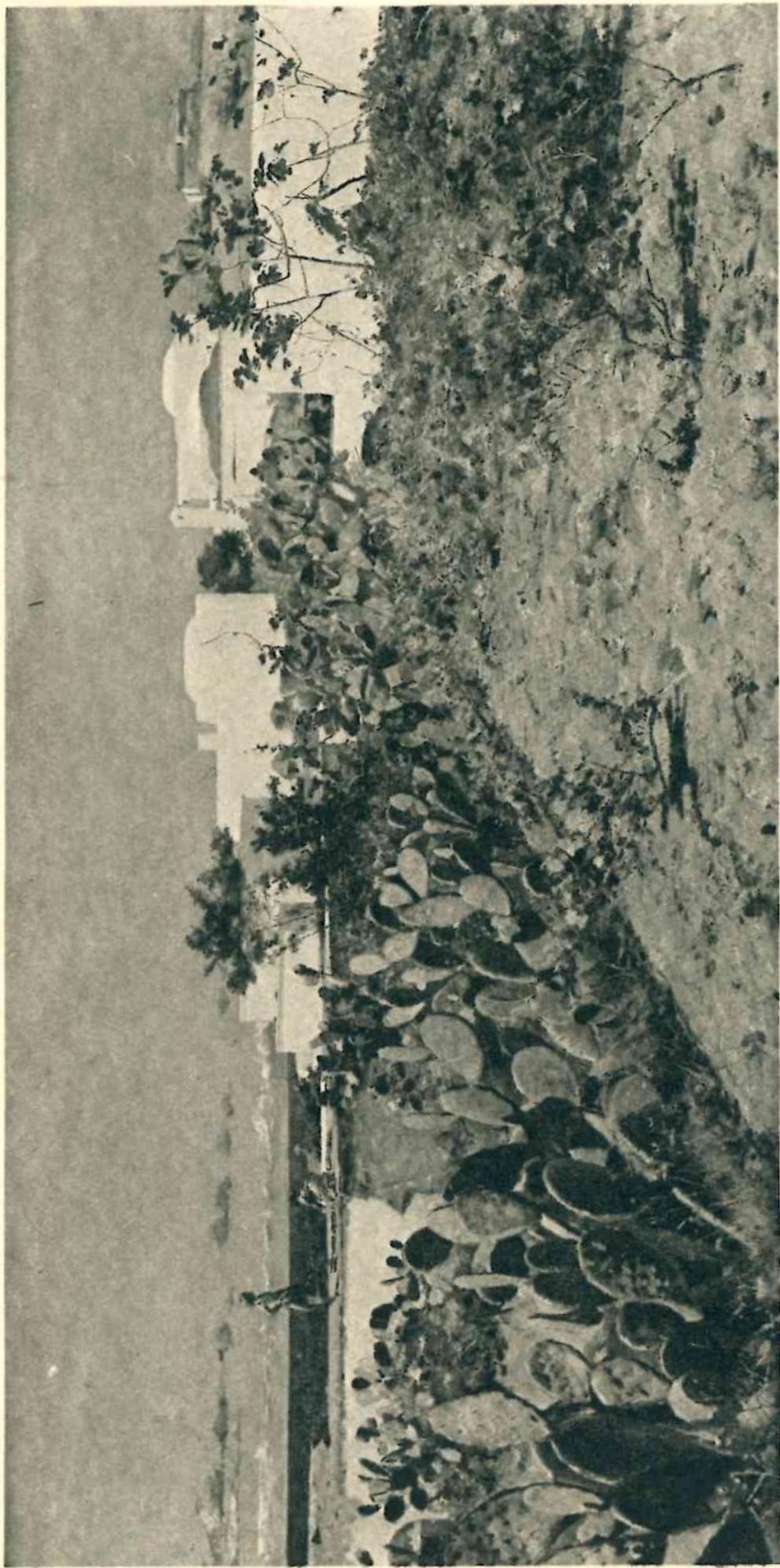
Cançada — Cachopa de Capri — *Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



**Napolitana — óleo**  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

**C. M. B.**  
**BIBLIOTECA**



*Vista de Capri — óleo  
Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



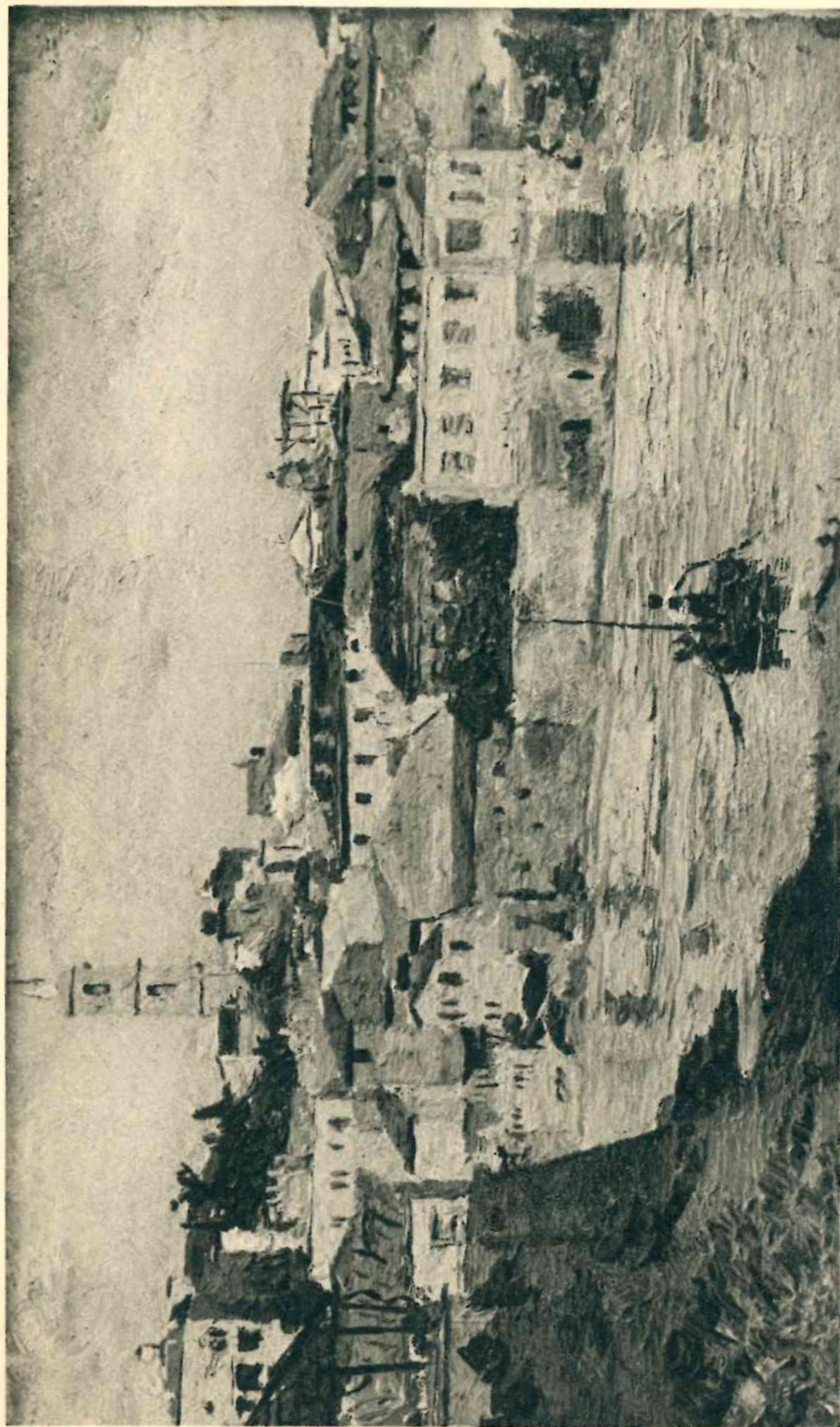
Senhora vestida de negro — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

**C. M. B.**  
**BIBLIOTECA**



Uma rua de Roma — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



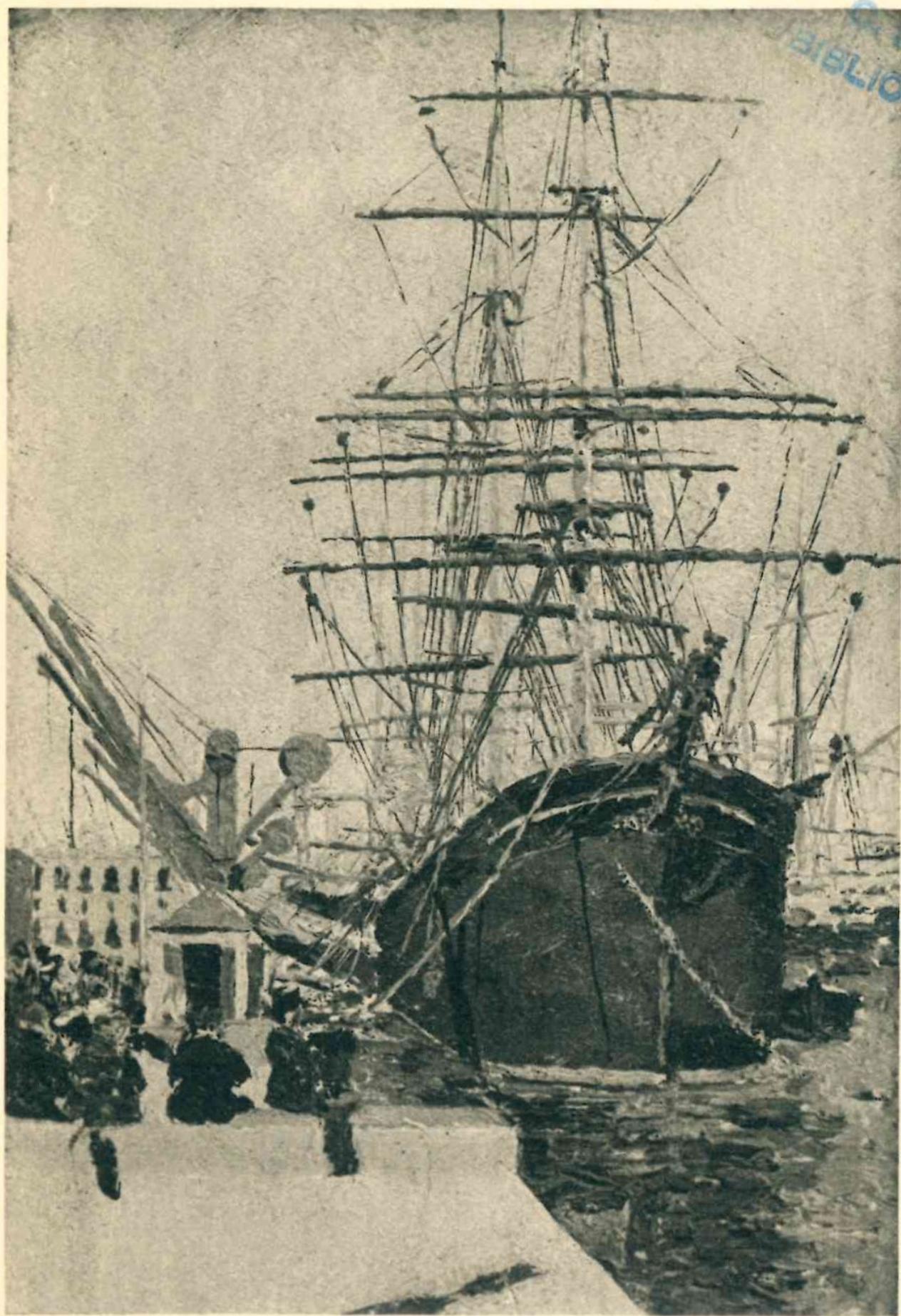
Barcos e casas — Roma — óleo  
Museu Nacional Soares dos Reis

C. M. B.  
BIBLIOTECA



Rapariga romana — Águarela  
*Museu Nacional de Arte Contemporânea*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



Cais de Barcelona — óleo  
*Museu Nacional Soares dos Reis*

C. M. B.  
BIBLIOTECA



biblioteca  
municipal  
barcelos



4562

Henrique Pousão